



CAPÍTULO 9

**TERRITÓRIOS ALTERNATIVOS
EM DIAS DE DESTRUIÇÃO:
BEATRIZ NASCIMENTO
INTELECTUAL E QUILOMBOLA**

SIMONE AMORIM

Capítulo 9 - Territórios alternativos em dias de destruição: Beatriz Nascimento intelectual e quilombola

Alternative territories in days of destruction: Beatriz Nascimento, intellectual
and quilombola

Simone Amorim

O verdadeiro salto consiste em introduzir na existência a invenção

Frantz Fanon

Isolado de seu contexto, o aforismo que serve de título a este texto (fragmento emprestado de um texto da própria Beatriz, *Possibilidade em dias de destruição*⁵²) revela apenas uma parte do conjunto riquíssimo de ideias ousadas daquela que foi uma das grandes intelectuais do pensamento social brasileiro, no século XX. Maria Beatriz Nascimento, artífice de ideias profundamente necessárias, é uma referência no tocante à complexificação do entendimento do quilombo enquanto território físico e existencial. A sua obra atravessa o binômio ‘mulher’ e ‘território’ como quem desafia a construção de uma poética inédita do desterritorializar-se/reterritorializar-se. Ao historicizar a passagem do conceito de quilombo de lugar físico a um princípio ideológico, engatilha novamente o caráter desestabilizador da organização de uma resistência aos sistemas de opressão.

Os quilombos eram frinchas no modelo escravagista, uma instabilidade inerente. E a extração de sua forma-organizativa a um símbolo de resistência, concretizada no modo de uma historiografia insurgente, consolida a ideia da *utopia enquanto disciplina*, no imaginário de um conjunto de pessoas desumanizadas pela colonialidade, atualizada nas estratégias contemporâneas do modelo capitalista de organização das sociedades.

Parte do trabalho de Beatriz, abruptamente interrompido pela sua partida prematura, reconstitui o papel histórico feminino no conjunto das lutas de resistência - inclusive a partir daquilo que entendia como estratégico: inter-relacionar

⁵² Nascimento, 2018.

disciplinas em favor de uma historiografia de tipo novo. Na visão da historiadora, a forma quilombo remete a agrupamento, organização, distribuição e afeto: disciplina necessária em contexto de luta, mas especialmente perigosa em contexto de paz. São muitos e potentes os atravessamentos evocados no pensamento dessa voz atlântica, e resgatar as ideias de Beatriz Nascimento, na ocasião em que se assinalam os 35 anos de uma das suas obras mais reconhecidas - *Orí* -, é uma homenagem, e um lembrete, de que a palavra, a escrita e o pensamento crítico são armas importantes na luta feminista antissistema.

Beatriz foi vítima de um feminicídio e é importante dedicar este texto a todas as vítimas dessa doença sociopolítica que assola o mundo todo na atualidade. Essa doença é uma ferida aberta pela necropolítica capitalista de reprodução da vida, que consome corpos e mentes como se mercadorias fossem, e não admite a possibilidade de outro registro senão a acumulação e a aniquilação do outro enquanto subjetividade total. Beatriz Nascimento, mulher, negra, historiadora, ativista e intelectual teve seu nome incluído no livro de heróis e heroínas da Pátria em 2023 - por meio da Lei 14.712/2023 - o documento que registra o nome dos brasileiros e brasileiras que se dedicaram de forma exemplar e heroica ao país. Seu legado e sua existência jamais serão esquecidos enquanto o movimento de todas nós continuar reverberando as suas ideias.

A práxis da coletividade negra: historiografia insurgente dos quilombos

Uma parte significativa da pesquisa de Beatriz Nascimento consistiu em *escovar a História a contrapelo*, decompor partes de uma história forjada na grande escuridão para reposicionar elementos cruciais ao entendimento da inflexão negra no continente americano. Como uma metáfora de si, uma historiografia insurgente traz elementos que, ao recompor uma narrativa fraturada, movimentam a engrenagem do presente em direção à complexificação das (r)existências negras. O engajamento na recomposição crítica do passado permite a abertura de novas possibilidades no presente. Nessa epistemologia, só existe o passado e é ele a energia vital do presente.

Por norma, as definições oficiais já trazem originalmente a violência semiótica, de estabilização de algo que nem sempre deveria estar cristalizado, como

se ali não houvesse margem para leituras outras. O primeiro ato do projeto científico-político de Beatriz Nascimento consistiu em questionar a definição oficial que o império impôs sobre o quilombo:

Toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles". Essa definição, da Consulta do Conselho Ultramarino de 2 de dezembro de 1740, influencia sobremodo o conhecimento que nos chegou até hoje. (Nascimento, 2021, p.112)

E se essa definição não lhe pareceu suficientemente apropriada, tampouco as reconstituições históricas posteriores recompuseram o mosaico de forma adequada; por muito que buscassem inserir novas camadas ao fenômeno, tropeçaram em ruínas coloniais:

Os escravos rebeldes que não queriam aceitar a escravidão fugiam para a mata virgem, nela acabavam formando aldeias do tipo que haviam deixado na África, escolhiam chefes e "viviam mais ou menos à moda primitiva". Estes aldeamentos [...], no século XVII, chamavam-se de quilombos. (Nascimento, 2021, p.110)

A ideia de uma “vida primitiva” é absolutamente inadequada ao modo de vida africano do século XV ou XVI, haja visto o interesse europeu na importação do conhecimento africano e indígena para o cultivo da terra em território americano. Era preciso continuar reunindo elementos que permitissem complexificar a leitura da História, até ser possível aproximá-la da totalidade da experiência histórica dos quilombos. Nesse sentido, a despeito das leituras anteriores, Beatriz apresenta a contradição da tentativa de homogeneização e do saudosismo de uma vida anterior supostamente desprovida das nuances próprias de cada nação africana trazida para a América:

Vivendo ainda sob o regime escravista oficial, o quilombo ou seus correlatos são tentativas vitoriosas de reação ideológica, social, político-militar sem nenhum romantismo irresponsável. Muito menos a fuga para o mato tem o caráter de vida ociosa em contato com a natureza, com base numa liberdade idealizada e na saudade da pátria antiga. (Nascimento, 2021, p.130)

Todas as vezes em que a História é interpelada, põe a nu uma instabilidade de ideologias artificialmente estabilizadas. É neste momento que Beatriz propõe um resgate daquilo que realmente representou o quilombo na História do Brasil - uma ameaça. E aí reside sua força:

Podemos mesmo afirmar que esses quilombos são o primeiro momento da nossa história, em que o Brasil se identifica como Estado centralizado. (...) Tanto no século XVIII quanto no século XIX, a instituição procede como frinchas no sistema — muitas vezes convivendo com ele pacificamente — que ao serem vistas globalmente, ou seja, em todo o espaço territorial e em todo o tempo histórico, traduziam uma instabilidade inerente ao sistema escravagista.
(Nascimento, 2021, p.161)

Compreender a história como uma arena de disputa ideológica e não se conformar com uma narrativa que nos rouba a possibilidade de reconstituir elementos que forjaram a complexidade das humanidades negras nas américas, catapultou a dimensão do trabalho de Beatriz Nascimento diretamente para a luta política do movimento negro brasileiro do século XX.

É no contexto dessa crítica que, em 1970, é fundado Movimento Negro Unificado, reunindo figuras históricas do pensamento social brasileiro no esforço de assumir o discurso sobre si e sobre o país. Na visão de Beatriz:

Foi a retórica do quilombo, sua análise como sistema alternativo, que serviu de símbolo principal para a trajetória desse movimento. Chamamos isso de correção da nacionalidade. A ausência de cidadania plena, de canais reivindicatórios eficazes, a fragilidade de uma consciência brasileira do povo, tudo isso implicou uma rejeição do que era considerado nacional e dirigiu o movimento para a identificação da historicidade heroica do passado. (...) Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. (2021, p.166)

Na medida em que reúne mais elementos que possibilitam a interpelação da história e consequente reconstituição de fenômenos sociais complexos, tanto mais armas estarão ao serviço da luta política contra as desigualdades estruturantes da sociedade brasileira. É preciso toda uma disciplina teórico-política para restaurar essa fratura original que, por séculos, posicionou a questão quilombola apenas pela lente do império, desconsiderando o acúmulo crítico de uma parcela significativa da população brasileira.

Eu sou atlântica: o indivíduo como um território existencial que se desloca no espaço

Na medida em que trabalhava cada elemento de um grande mosaico de peças dispersas nas duas partes do Atlântico, Beatriz encontra naquele oceano a epistemologia fundacional da existência social de uma coletividade na sociedade brasileira. A ideia do Atlântico como território originário demanda o entendimento de subjetividades forjadas na grande fratura, mas fortalecidas pela componente diversa de seus elementos, assim como adversa foi a grande travessia até o entendimento de um grupo de indivíduos como territórios existenciais, espaço-corpo de uma outra forma de vida na sociedade brasileira.

O Atlântico como identidade aporta a componente do entrelugar, da rota, como território de criação e pertencimento. São de Paul Gilroy (2001) as formulações sobre o Atlântico como um espaço da possibilidade de outras fabulações. Para o sociólogo inglês, as culturas do Atlântico negro:

especificam formas estéticas e contra estéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o de pertencer. Tais culturas da consolação são significativas em si mesmas, mas também estão carregadas e contrapostas a uma sombra: a consciência oculta e dissidente de um mundo transfigurado que tem sido ritual e sistematicamente conjurado por pessoas que agem em conjunto, e se abastecem com a energia fornecida por uma comunidade mais substantivamente democrática do que a raça jamais permitirá existir (p.13)

A ideia de sermos criaturas atlânticas está presente nas epistemologias desenvolvidas por muitos grupos no continente - e é nela que reside a especulação do entre-lugar daquela identidade que é ela própria território e ocupação. Para onde quer que sejamos desterritorializados, construiremos uma tecnologia de reterritorialização ancestral porque, como bem mencionou Gilroy, somos aqueles que “se abastecem com a energia fornecida pela comunidade”. Essa existência atlântica (Nascimento, 2018), *ameficana/ladina* (González, 2018), da fronteira (Anzaldúa, 2016), é um patrimônio criado pela força daqueles que compreenderam desde muito cedo que a força reside no coletivo e na experiência coordenada da resistência.

Para Beatriz, o quilombo é aquele espaço geográfico onde se tem a sensação de oceano (Nascimento, 2018, p.336). Nele, a relação é mais importante que o ser, porque o ser é o estar, é o permanecer. Desenvolvemos o entendimento de que somos partes de uma ancestralidade complexa, forjada na luta, mas que tem a festa como utopia; fragmentada, mas que sabe reconstruir as suas partes e constituir novas totalidades. A acomodação das identidades negras em uma totalidade atlântica extrapola a soma das partes para criar um novo elemento na história social do território que se convencionou chamar americano. Somos fruto de um amálgama de tradições e conhecimentos que juntos transformaram profundamente aquele pedaço de terra do outro lado do oceano.

Um território existencial que se desloca no espaço é uma potência, porque traz em si a subjetividade da experiência histórica da origem e a força da autonomia em relação à adversidade do espaço de chegada. Foi necessária muita disciplina para a garantia da sobrevivência, do contrário já teriam desaparecido da terra. Não é possível desterritorializar quem se reconhece atlântica porque a matéria de que somos feitas é fluida, movente. Esses elementos conferem a força necessária à resistência e à possibilidade da fabulação da utopia enquanto disciplina. Sem esse componente, um conjunto de pessoas excluídas da modernidade já teria desaparecido, no entanto, resistem.

A importância do desenvolvimento dessa abstração tornou possível, muitos séculos depois, a reconstrução de utopias de resistência no Brasil. Elas se fizeram ouvir no mundo todo, seja por meio do movimento negro, seja por meio da organização de trabalhadores periféricos, seja pela persistência das mulheres que, mesmo tendo a sua existência constantemente ameaçada, continuaram e continuam dedicando suas vidas à reconciliação da história com o compromisso da política.

Feminismo como um território alternativo em dias de destruição

No ensaio *Acerca da consciência racial* (Nascimento, 2022, p.179), escrito provavelmente entre a segunda metade dos anos 1970 e o início da década seguinte, Beatriz nos apresenta Jurema, uma personagem marcante daquilo que viria a se configurar como um ponto de ruptura na sua vida, antecipando no Brasil um debate

que se fortaleceria apenas muitas décadas depois. A autora relembra que certa vez, ao se recusar:

entrar pela entrada de serviço de um edifício, o porteiro justificou a atitude que tomara (quis me obrigar a entrar), dizendo que não adivinhava se eu era empregada doméstica ou amiga da pessoa a quem ia visitar. Do mesmo modo, na infância, a pessoa que levantou meu vestido justificou que não adivinhava se eu era menino ou menina, por causa do meu cabelo encarapinhado. Do mesmo modo, a professora não adivinhava que eu era uma das melhores alunas da escola e que tinha os mesmos direitos das crianças brancas nas mesmas condições (Nascimento, 2022, p.188)

Este talvez seja um dos textos nos quais Beatriz mais se escancara publicamente entre todos que compõem o conjunto de sua obra - o que é muito difícil, em se tratando da sua prolífica produção. Beatriz é uma intelectual pública com vasta publicação na comunicação social brasileira, marca do seu ativismo e a atividade intelectual orgânica no seio do movimento negro, ainda que no contexto da ditadura empresarial-militar que o país vivia. Trata-se de um texto brilhante, íntimo, potente, desafortunadamente atual. Ele é o expoente máximo do feminismo de alguém que soube, com astúcia, antecipar o debate sobre as camadas sobrepostas de exclusão forjadas para alguns corpos determinados a ficarem pelo caminho.

Beatriz Nascimento não se dedicou ao estudo aprofundado sobre a situação da mulher na sociedade brasileira de seu tempo, tampouco se ocupou em teorizar/historicizar os movimentos das mulheres no Brasil ou no mundo naqueles anos. Mas, inúmeras vezes, debruçou-se com profícua assertividade em temas que, direta ou indiretamente, relacionam-se com as desigualdades de oportunidades que fazem com que a alguns lhes seja negada a possibilidade de uma existência digna. Era neste registro que ela e algumas outras mulheres do movimento negro brasileiro levantaram suas vozes e deram as suas vidas para que uma reflexão incômoda pudesse começar a ser feita no país.

Em recente reflexão acerca do conjunto da militância de sua mãe, Bethânia Nascimento Gomes (2023, p. 358-361), é relembrada a ocasião em que Beatriz foi presa pelos militares. Assim como ocorreu nas famílias de outros intelectuais do período, a sua também se aterrorizou com o que podia acontecer na eventualidade de que estes viessem à sua casa e encontrassem o material de trabalho da

historiadora e ativista - fundadora do grupo de pesquisas André Rebouças e prolífica produtora de conteúdo sobre o movimento negro no Brasil.

Beatriz foi salva porque vivia em um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro e a polícia jamais pensaria que naquele lugar alguém frequentasse a universidade. Sequer cogitaram a possibilidade de que, naquela periferia negra e de trabalhadores pobres, pudesse emergir uma intelectual da estatura de Beatriz. A esse acontecimento, Bethânia vincula a razão de porque raramente os negros, ainda que ativistas, dedicam-se a uma reflexão crítica aprofundada sobre a ditadura empresarial-militar brasileira: porque nestes territórios, e para estas pessoas, a ditadura não acabou de fato, porque eles nunca deixaram de estar sob risco (p.360).

O feminismo de Beatriz não é sobre ou para as mulheres, mas antes, e sobretudo contra as desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira racista, patriarcal e ainda então exploradora das classes trabalhadoras. Beatriz foi a primeira militante do movimento negro a receber um convite para visitar um país africano, em uma época na qual o trânsito internacional de militantes e intelectuais negros não era frequente em função da ditadura brasileira (1964 - 1985), que criava uma série de obstáculos para a realização desse tipo de viagens. Não está desvinculada desse pioneirismo e atuação a constatação da ativista e filósofa marxista americana Angela Davis, que, em 2023, em visita ao Brasil, declarou que Lélia González e Beatriz Nascimento foram as fundadoras do feminismo negro no mundo - um movimento político que, segundo ela, nasceu no Brasil.

De volta ao ensaio referido no início desta seção, finalizo este texto com a voz atlântica de Beatriz (2022, p.188) à Jurema. É quase possível imaginar o seu jeito energético, e ao mesmo tempo calmo e grande como o mar: “*eles não sabem que você um dia me disse - continue. Eu continuei (...) de onde você estiver, fazendo das tuas palavras as minhas: “Não deixe que façam isso connosco!*”.

A luta continua

A luta continua porque estou farto da fome

A luta continua porque estou farto da miséria

A luta continua porque estou farto de calúnia

A luta continua porque estou farto de ser estúpido

Há quinhentos anos que sou analfabeto

Não sou ninguém

*Não tenho fome
 Há quinhentos anos que sou rapaz
 Mesmo aos cem anos
 Há quinhentos anos que sou espancado
 Há quinhentos anos que sou esborrachado
 O meu pai chama-se rapaz
 A minha mãe ó Maria
 O nome da minha irmã é rapariga
 A luta continua porque estou farto da fé e do Império
 Das civilizações ocidentais
 Das religiões hipócritas
 Estou farto de ser sub-homem
 Estou farto de ser ignorante e ignorado
 A luta continua porque estou farto de esperar
 Estou farto das migalhas
 A minha terra tem maná, leite e mel e não como
 Tenho fome de séculos
 Já não suporto os ladrões do meu pão
 Já não suporto os ladrões da minha força
 Já não suporto os ladrões das minhas riquezas
 Ainda ontem na minha rua alguém pedia esmola
 A luta continua porque do oceano ao leste
 A quitandeira ainda grita: laranja, laranja minha senhora
 A lavadeira ainda diz: bom dia minha senhora
 A luta continua... (Beatriz Nascimento: Uma história feita por mãos negras, p. 191)*

Referências Bibliográficas

- Anzaldúa, G. (2016). Borderlands/La frontera: La nueva mestiza. Capitán Swing.
- Gilroy, P. (2001). O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência. Editora 34.
- Gomes, B. N. F., Davies, A., & Smith, A. A. (Eds.). (2023). The dialectic is in the sea: The Black radical thought of Beatriz Nascimento. Princeton University Press.
- González, L. (2018). Primavera para as rosas negras. Diáspora Africana.
- Nascimento, M. B. (2018). Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: Possibilidades nos dias de destruição. Diáspora Africana.
- Nascimento, M. B. (2021). Ratts, A. (Org.). Beatriz Nascimento: Uma história feita por mãos negras. Zahar.
- Nascimento, M. B. (2022). Ratts, A. (Org.). O negro visto por ele mesmo. Ubu.
- Ratts, A. (2006). Eu sou atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Imprensa Oficial; Instituto Kuanza.

